

SOBRE A MORTE DE UM CANGACEIRO: O CASO JARARACA EXPLICADO POR GIRARD

ON THE DEATH OF A CANGACEIRO: CASE JARARACA EXPLAINED FOR GIRARD

SARA LOUISE AQUINO ALMEIDA PEIXOTO

Resumo

A presente produção tem por objetivo responder a pergunta sobre qual motivo teria levado o cangaceiro Jararaca morto na cidade de Mossoró- RN a virar santo. Através de uma pesquisa bibliográfica obtivemos respostas não muito consensuais e elas estão na teoria do bode expiatório do francês René Girard. O resultado é que o cangaceiro passa de maléfico a benéfico, uma vez que, ele é o causador da violência na cidade, mas ao mesmo tempo sua morte traz paz e ordem a ela e se ele pôs fim aos conflitos existentes com sua morte na comunidade só podia ser um santo. Para nos ajudar na formulação dessa tese usaremos conceitos e descrições para afirmar que esse mecanismo é a estrutura não só dos mitos mais de muitas histórias, narrativas e fatos atuais. Não explicaremos tudo de maneira exaustiva, mas lançaremos notas importantes para o entendimento do leitor.

Palavras-chave: Jararaca. Girard. Vítima. Violência. Bode Expiatório.

Abstract

The present production has for objective to answer the question on which reason would have taken the cangaceiro Jararaca died in the city of Mossoró- RN to turn saint. Through one it searches bibliographical we got answers not many consensually and them they are in the theory of bode expiatory of the Frenchman René Girard. The result is that the cangaceiro one passes of maleficent the beneficial one, a time that, it is the causer of the violence in the city, but at the same time its death brings peace and order it and if it ended the existing conflicts with its death in the community alone could be a saint. It stops in helping them in the formularization of this thesis we will use concepts and descriptions to affirm that this mechanism is the structure not only of myths more than many current histories, narratives and facts. We will not explain everything in exhausting way, but we will launch important notes for the agreement of the reader.

Keywords: Jararaca. Girard. Victim. Violence. Bode Expiatory.

INTRODUÇÃO

Toda a nossa vida se dá por intermédio da linguagem que está alicerçada em estruturas verbais sequenciais, para melhor nos comunicarmos usamos muitas vezes uma narrativa. A narrativa tem o poder de encantar, fixar, rememorar, alegrar. Essas características dependem também do interlocutor, do narrador e da estória. É dela que saem peças teatrais, filmes, danças e diversas expressões não apenas visuais como também os mais belos escritos literários de todos os gêneros.

Nesse sentido temos na cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte uma memória e também um esquecimento acerca de Jararaca um cangaceiro pertencente ao bando de Lampião que logo após todos os acontecimentos antes e após sua morte deixou de ser visto como bandido e passou a ser tido por Santo por alguns que até hoje fazem visitas em seu

túmulo no cemitério São Sebastião na referida cidade. Jararaca não nasceu em terras potiguares, era pernambucano, mas foi aqui que ele adquiriu ao redor de sua figura toda uma narrativa entremeadada de especulações junto aos populares.

Aqui trataremos um pouco dessa narrativa e como ela tem o mesmo mecanismo que constitui o Mito, a própria palavra, *Mythos* quer dizer enredo, narrativa. Trataremos também da narrativa acerca dos acontecimentos ao redor da morte cangaceiro, mas por hora temos de registrar que o mito possui também uma sequência de palavras como todas as estruturas verbais que se coadunam em metáforas representativas, também de fases conceituais, etapas descritivas que correm em uma série de eventos que são exteriores a narrativa ou uma série de fatos que corroboram a própria estória que lhe são indispensáveis em si mesmos para sua justificação.

Na primeira parte do presente trabalho serão apresentados os eventos e narrativas ao redor da morte do cangaceiro e sua posterior santificação, bem como uma conceituação do mito. Na segunda uma apresentação da teoria da vítima propiciatória de René Girard e como ela explica o fenômeno ocorrido em terras mossoroenses no interior do nordeste brasileiro, com o objetivo de responder a pergunta: “por que um bandido foi transformado em santo?”.

O nosso objetivo aqui não é explicar o fenômeno do cangaço ou realizar um relato capcioso sobre a vida e trajetória de Jararaca, mas apenas mostrar como sua morte elenca, mostra e reafirma a tese de René Girard que primeiro apresentou o mecanismo do bode expiatório em suas primeiras obras – *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (1961), *A Violência e o Sagrado* (1972) e *Coisas Ocultas desde a Fundação do Mundo* (1978) escrevendo sobre sua teoria até o fim de sua vida concedendo diversas entrevistas muitas delas transformadas em livros pela editora *É Realizações* aqui no Brasil. Suas hipóteses estão escritas ao longo de todas as suas produções e influenciou diversos trabalhos no mundo inteiro.

A MORTE DE JARARACA: BANDIDO OU VÍTIMA SACRIFICIAL?

A morte do cangaceiro se deu em 19 de junho de 1927 que foi morto por alguns policiais que o escoltavam até a cidade de Natal – RN onde seria preso, mas estes talvez tivessem pensado que o mundo deveria ter um criminoso a menos e deram cabo daquele que segundo relatos de jornais da época era um bandido muito perigoso.

A narrativa na cidade de Mossoró é que o cangaceiro foi sepultado vivo de maneira que as pessoas se sensibilizaram com a sua morte trágica e atribuíram a ele um arrependimento na hora do fim e assim recebeu ele a remissão de seus pecados. Falcão (2011) acredita que a relações simbólicas que construíram a redenção do cangaceiro advém justamente dessa morte incomum, da morte trágica que abre o caminho ao sagrado¹.

Sabemos que muitas pessoas passam a ver alguém falecido como uma pessoa que por mais que tenha sido ruim como boa e é como se a morte em si sanasse o seu pecado, porém intentamos aqui olhar para essas narrativas com um olhar girardiano e não endossaremos essa tese de Falcão (2011) por si, onde o simbolismo da morte trágica e a busca pela “boa morte” levassem as pessoas a acreditar no arrependimento do bandido, pois isso não explica sua sacralização.

¹ Sua trágica morte aparece como o caminho que o conduz a um tempo sagrado, a uma ruptura temporal e do mundo que o cercava, livrando-o de sua trajetória transgressora, e permitindo “uma abertura para o Tempo Sagrado”. (ELIADE, Mircea, 1991.p. 54 *apud* FALCÃO, 2011, p. 14)

Renê Girard nasceu na França na década em que se deu a invasão do bando de Lampião à Mossoró², década de 20. Nascido em 1923 e falecido em 2015, talvez não tivesse tomado conhecimento do cangaço, mas a partir dos seus escritos tentarei entender esse fenômeno ocorrido em terras mossoroenses que é a sacralização de um culpado.

Ao analisarmos o mito vemos que com o tempo a palavra foi se associando a um significado que o define como aquilo que não é verdadeiro, mas isso não invalida sua estrutura. Conforme Frye (2004) no relato histórico, mesmo que as palavras aparentemente seguem dados consecutivos que as precederam, a seleção de dados e seu arranjo precede tudo, temos a impressão de que a sequência das palavras vem de fora, mas é só impressão. Diz ainda que a “cultura verbal de uma sociedade pré-discursiva consistirá em grande parte de estórias, mas entre elas se desenvolve uma especialização em matéria de funções sociais que terminam por afetar mais algumas do que outras” (FRYE, 2004, p. 59).

Quando Marcílio Falcão um professor cearense, mas que atua em Mossoró pesquisou sobre a memória da cidade em relação ao cangaceiro visitou o cemitério em 2005 pela primeira vez se deparou com diferentes narrativas sobre Jararaca, seu túmulo é o mais visitado de todos, as pessoas oram, depositam flores e acendem velas sobre ele. No dia de finados isso é muito perceptível e alguns fazem questão de falar sobre a vida dele de bandoleiro no cangaço.

É bom diferenciar os mitos dos relatos da população que de maneira geral são contados para o contentamento e que não tem finalidade muito importante, como o caso de uma árvore próxima ao túmulo dele que geme nas noites de chuva e chora todas as vezes que alguém lhe toca. As estórias mais importantes em contrapartida são aquelas que querem deixar alguma lição para seu povo, até mesmo sobre sua história, costumes e leis e preocupações específicas. O mito, diferentemente de certas estórias, leva consigo uma importância especial e uma seriedade, suas qualidades derivam-se de sua autoridade e funções sociais e não de sua estrutura somente. O mito pode se dar de forma interligada com outros mitos, a estória popular é diferente e muda de um lugar para outro justamente por não ter um ponto central definido.

Segundo Frye (2004, p. 60) “mitos desenham o contorno de uma área específica da cultura humana e a demarcam em relação a outras.” Quando dizemos que a mitologia ajuda a criar uma história cultural, o fazemos porque se é compartilhada uma herança de experiência verbal ao longo do tempo numa sociedade, ou seja, a mitologia fomenta aquilo que mais tarde chamaríamos de História. A literatura também é uma descendente da mitologia, uma vez que, ela junto com a poesia recria o uso metafórico da linguagem, uma figura primeiro utilizada pelos mitos e que veremos a significação nela contida nas produções literárias que vieram posteriormente.

É importante ressaltar que um mito não permanece soterrado pela literatura que lhe advém, o mito não é soterrado sob os desenvolvimentos literários posteriores. Muitos estudiosos achavam que existia uma causa para o mito e não gostavam da ideia de este ser autônomo com capacidade imaginativa e criativa, a dificuldade se estende a vê-los como um conjunto de estórias interligadas. “Mitologia não é um *datum* (dado, dádiva), mas um *factum* (fato, obra) da existência humana: pertence ao mundo da cultura e da civilização que o homem construiu e onde ainda habita.” (FRYE, 2004, p. 63).

Creio que mitos tem base em fatos reais, emborra as narrativas que o levem em diante não sejam sempre iguais, até porque os homens o interpretam de maneira diversa, visto terem

² Fato ocorrido em 13 de Junho de 1927.

cosmovisões distintas e pensamentos diferentes sobre o que é a vida, o bem e o mal etc. Em Mossoró o fato sobre a morte de Jararaca é verídico e até hoje tem um espetáculo na cidade chamado “Chuva de balas no país de Mossoró” que reconta a invasão do bando, o evento ocorre justamente no mês em que ocorreu a luta contra os cangaceiros. O evento ocorre desde a década de 1970.

Estudiosos também podem sugerir que o mito é uma forma primitiva de ciência, mas o fato é que o desejo do mito é o de traçar um círculo em torno de um ajuntamento humano e olhar ali dentro para aquela comunidade, não é o de perguntar sobre questões da natureza, isso não quer dizer que um mito não lance mão de elementos da natureza. As próprias histórias que se contam sobre o cangaço estão imbricadas com a geografia e um ambiente específico que se vê no nordeste. Um dos pontos principais do mito está na imaginação que nos separa e interliga ao meio ambiente e nisso se manifesta a autonomia criativa dele.

A mitologia pertence ao campo das artes e mais uma vez digo que é uma forma de pensamento criativo e imaginativo, o mito segundo Frye (2004) não progride com o avanço da sociedade, ele como qualquer arte não é algo progressivo, mas também não é abolido com o avanço da tecnologia. Alguns supuseram ser o mito um tipo primitivo de pensamento conceitual, erradamente podem pensar alguns, ser o mito uma explanação equivocada sobre um assunto da vida humana, em Mossoró, por exemplo, toda a mitologia em volta do cangaço está ligada a eventos reais ocorridos.

É necessário observarmos que o mito não tem uma raiz orgânica e produz assim acertos e presunções sobre a realidade que entram em conflito com aquilo que orienta a observação dessa ordem, é nesse momento que Frye (2004) escreve que deve haver aí uma substituição por uma explicação científica. É importante ressaltar ainda que, era após era, a linha central mítica é recriada. Da mesma maneira, à medida que a literatura se desenvolve, os contos do populário vão fazendo parte de seus elementos principais.

Como já dissemos o mito tem uma autoridade em si mesmo, sendo assim, ele pouco depende do narrador, nele existe uma tradição que se é respeitada, os poetas, por exemplo, referem-se aos mesmos temas míticos, é como se o mito estivesse unido e separado ao mesmo tempo da verbalidade. De fato, o mito pode apresentar respostas distintas sobre questões fundamentais sobre vida após a morte, bem, mal etc. Tudo isso entrelaçado em uma cadeia de personagens em meio a uma narrativa envolvente, onde ao escutar tais enredos o ouvinte também se relaciona consigo mesmo e visita sua consciência.

O mito não está preso a um tempo cronológico (embora surja em momentos históricos definidos) e mobiliza em nós diversos sentimentos e feições reverberando e atualizando antigos sentidos. Muitas histórias nos passam isso, mas o mito tem essa estrutura basilar. A história do cangaço não é um mito em si, mas compreende narrativas que se coadunam com o que vemos em diversas mitologias como veremos adiante, principalmente no que se refere ao transcendental, violência, conflitos, desejo mimético, vítima propiciatória etc.

Os mitos se perpetuam na obra de literatos, poetas, cantores e artistas. Os mitos se reverberam em diferentes narrativas e é revivido em forma de rituais. Ao visitar o túmulo de Jararaca no cemitério São Sebastião em Mossoró podemos ver pessoas acendendo velas e pedindo como dizem, “alguma graça” ao que para eles é um santo milagreiro. Na tese de Falcão (2011) ele faz diversas entrevistas a pessoas que dizem ter alcançado essa referida graça seja com cura, libertação de vícios de parentes etc.

A história da invasão do bando de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, muito marcou a cidade de Mossoró que não aceitou dar nenhuma quantia ao bando que pedia 400 contos de réis para que não a invadissem, o município resolveu resistir ao bando pela

intrepidez do prefeito Rodolfo Fernandes no ano de 1927. A batalha ocorrida no dia treze de junho desse ano produziu na cidade um escopo de memórias que são afincadas nas pessoas pelas festividades ocorridas na cidade na mesma época do ano da invasão com finalidades além de turísticas, teóricas e produtoras de memórias.

Segundo Campbell (1994) quando um mito deixa de ter importância individual e social ele é descartado e desaparece e não foi isso que ocorreu em Mossoró já que se tem também toda uma mitologia e propagação dela ao redor dos cangaceiros e suas histórias pelo sertão, onde até hoje nas festividades de junho com teatros e encenações a cidade de Mossoró, por exemplo, volta a lembrar dos atos ocorridos entre cangaceiros e civis.

Campbell (1994) observa que, nos dias atuais, poucos conhecem os mitos de sua cultura tradicional, pois a maioria dos pais e avós não se preocupam em transmitir às gerações que os seguirão as histórias de seus ancestrais. Em um mundo desmitologizado, a falta de modelos heroicos pode levar o jovem a se perder em meio à violência das gangues, com suas próprias versões de rituais, provas e iniciações, que não oferecem a riqueza de significado dos ritos e mitos tradicionais. Sobre a importância do mito para a construção da psique, Campbell afirma: “Os mitos me dizem onde estou” (1994, p. 16).

José Leite de Santana, o Jararaca foi como membro do grupo de Lampião o único cangaceiro preso na cidade de Mossoró, alguns como o cangaceiro Colchete, por exemplo, morreram, Jararaca em contrapartida, sofreu tiros ao despojar Colchete no momento em que tentavam tomar a residência do prefeito, hoje chamada de Palácio da Resistência centro administrativo da cidade. A cidade se preparou para o ataque usando o método de trincheiras e guarnição em lugares específicos como a Capela São Vicente de Paula, a Estação Ferroviária e a sede de onde hoje é a prefeitura.

É importante ressaltar que até hoje na cidade de Mossoró para muitos o herói não é o prefeito ou, por exemplo, o homem que matou Colchete com tiro na cabeça por sua eximia pontaria, Manuel Duarte, o mais lembrado dessa história toda acabou sendo Jararaca que foi tido por arrependido e injustiçado. Jararaca que após ser baleado se arrastou até a estrada de Ferro da cidade onde outrora passava o trem, acabou sendo preso, pois pediu ajuda a um munícipe que ao invés do remédio trouxe a polícia para captura-lo.

A invasão dos cangaceiros a Mossoró passa de acontecimento a elemento folclórico e literário presente em muitos cordéis até hoje e é um tema constante de poemas, cantigas e livretos. O jornal *O Mossoroense* que circulou pela primeira vez já no ano de 1872, registrou na edição de 26 de junho de 1927 que Jararaca havia morrido em viagem para Natal em decorrência dos graves ferimentos sofridos, Falcão atesta:

Estampada na primeira página do jornal, essa notícia fazia parte da matéria “Hunos da nova espécie: Mossoró continua em armas à espera de um novo ataque”, que por sua vez relata o trabalho das autoridades e da população na organização da resistência. Comenta os detalhes da morte de Colchete, os ferimentos e a identidade de Jararaca, que só foi possível através do contato que o Dr. Benício Filho (diretor do Departamento de Segurança Pública do Rio Grande do Norte) manteve com a polícia pernambucana. (FALCÃO, 2011, p. 23)

Ao que parece a população mossoroense estava ainda aterrorizada com o ataque e já se preparava para uma possível vingança ou segunda invasão. Naquele momento os cangaceiros eram os culpados pela instabilidade e desordem ocorridas ali. E lá estava na cadeia pública até o momento de sua transferência, o estandarte da culpa dos problemas

mossoroenses, Jararaca. Ele deu entrevistas e recebeu auxílio médico antes de sua morte, mas a notícia oficial passa a ser diferente das narrativas orais dos populares. Ainda sobre a morte de Jararaca:

Símbolo vivo da vitória mossoroense sobre o bando de Lampião, Jararaca era exposto e inquirido. Contava sobre a vida de cangaceiro, sobre as ações dentro do grupo e as atividades no Rio Grande do Norte. Relatou como os cangaceiros tinham se unido para atacar Mossoró, citou os nomes dos componentes que participaram da empreitada, comentou sobre as alianças e intrigas entre os coronéis, como eram feitos os ataques e disse ser inocente dos crimes pelos quais era acusado. Tudo na esperança de pouparem sua vida, porém sua trajetória, marcada pela imagem de violência e impiedade diante das vítimas, aparecia na imprensa caracterizando-o como um ser frio e cruel. (FALCÃO, 2011, p. 26)

A imprensa local sempre escrevia sobre as ações do bando informando sobre saques, tratamento atroz dado as vítimas, relação dos cangaceiros com os coiteiros, com os políticos e padres. Essa mesma imprensa entrevistou o cangaceiro na cadeia pública da cidade nos últimos dias da sua vida que lhe restavam. No início da propagação das narrativas os policiais não são comprometidos com a morte, pois a mídia não deixava transparecer isso e eram as figuras mais aviltadas da resistência. Logo após o assassinato de Jararaca a polícia também é vista como corporação que também pode transgredir, o próprio Jararaca fala em sua entrevista ao jornalista Lauro da Escóssia que Lampião atacou Mossoró para comprar volantes de Pernambuco, porém com sua morte as posições mudam.

Logo no início dos acontecimentos envolvendo a morte do cangaceiro Jararaca a mídia local não escrevia sobre o assassinato em si, mas no quanto bandidos como Jararaca devem ser punidos devido as muitas atrocidades que cometeram³, Jararaca era maléfico e não havia espaço para taxá-lo de vítima. O cangaceiro Mormaço que foi preso no Estado do Ceará e transferido para a cidade de Mossoró em entrevista ao jornal *Correio do Povo* em 27-11-1927 diz que “alguns ficavam atrás para, nas estradas, forçarem algumas moças, como também mulher casada; que sabe que alguns desses eram mais audaciosos, neste sentido,

³ Em matéria do jornal *O Nordeste* fundado em 1916 um mês depois da morte de Jararaca ele era visto como culpado e digno de morte “O fogo cessou depois de uma hora e em breves minutos já o povo fervilhava nas ruas, curiosos, enquanto, arrastando para a Praça da Matriz traziam o bandido “Colchete”, morto na trincheira do cel. Rodolfo Fernandes, onde sahira balleado mortalmente o terrível “Jararaca” que faleceu dias depois. É pena que este monstro não tivesse sido morto quando capturado, no dia seguinte, também suplicado como fêz a muitos inocentes, arrancando unhas, furando olhos, esquartejando cadáveres, arrancando miolos! Não pagaria, por si e pelos seus cadáveres, arrancando miolos! Não pagaria, por si e pelos seus comparsas do crime, os desvirginamentos, os estupros e as sevícias praticadas na terrível devassa aos lares indefesos! Ter compaixão de “Jararaca” é esquecer o instinto de conservação, é negar o direito de vingança natural contra os monstros da humanidade! A humana criatura que desde tanto, que semeia a desgraça por instinto de perversidade, só pode merecer o linchamento que é a lei da razão do povo, em contrário às blandícias da lei escrita, que, por vezes, constitui o próprio crime, gera bandidos pelas injustiças que dissemina! É isto talvez uma ofensa às instituições do direito, mas é uma verdade da razão humana. A fera mata pelo instinto de sua espécie, e por isto está em grau superior ao facinora de profissão que tem juízo e raciocínio, que mata e sacrifica por esporte, para ver a queda ou para roubar, ou para reagir contra quem lhe foge aos maus desejos cúpidos e lascivos! O bando de “Lampião”, na hora presente, constitui um caso único na história da humanidade, dentro de seu programa macabro de toda espécie de crimes. É de praxe o incêndio às propriedades, sempre que é possível a desonra, pelos modos mais repugnantes. Os tiranos ordenam a nudez a senhoras e virgens, dançam com elas e consomam, bestialmente, os mais torpes atos de erotismo! É, por cumulo, testemunham êsses atos, muitas vezes, os próprios maridos, pais e irmãos das vítimas! E tenha-se compaixão de gente tão infame, como “Jararaca!” O Nordeste – 22-07-1927.

entre os quais Moreno, Jararaca e Nevoeiro.” Relatos como esses serviam mais ainda para escancarar perante todos a índole do capturado e justamente punido na cidade de Mossoró que passa a ser vista como a cidade da resistência em todas as narrativas, encenações etc.

A mídia já chegava a relatar que a justiça feita com as próprias mãos para pessoas desse tipo é mais eficaz do que a justiça legal com suas brandas leis. Jararaca era tido por ela como monstro e facínora⁴ que devia ser exterminado pela estabilidade e bem da comunidade, se ele o é facínora, é por falha aplicação da lei, ou é vítima dos homens, da sua própria índole, ou por influencia do meio, mas nesse caso teve escolha, pois como vítima se pode agir e ser. Esse era o reflexo das ideias hegemônicas na época como podemos ver na matéria de *O Nordeste* em 22-07-1927 escrita pouco tempo após a morte do cangaceiro e apresentada por Falcão (2011, p. 29):

[...] Aquelle agora poderá tornar-se o terror das populações, praticando toda sorte de crimes hediondos. Este deixa-as em paz... sofrendo a sua miséria!” [...] Todos temos, nesse ultimo caso, o direito de exterminar o facínora, porque se tornou nocivamente prejudicial a commum, a estabilidade da sociedade; e mais direito temos ainda de enforcar ao injusto, ao causador dessa obra macabra, forjada a sombra das posições, quasi sempre legaes! Deve-se combater e extinguir o monstro fabricado pela opressão, como o expontaneo, por atavismo ou circunstancias do meio, desde que causem perturbações, molestas e sinistras a ordem e a paz do povo.

Segundo as narrativas da época os mossoroenses diziam: “Lampião vem aí, vai matar todo mundo” a cidade de fato ficou em pânico, os relatos é de que alguns fugiram da cidade e outros apesar do medo ficaram para os receberem à bala. Jararaca era um dos alvos predeterminados pelos civis que aguardavam pela vingança e paz. Logo após a morte de Jararaca escritos e narrativas surgiam sobre como se deu o seu fim, em 1930 já é publicado um livro relatando esse fato. O livro⁵ apresenta as primeiras impressões sobre sua morte e afirma o que já se desconfiava que Jararaca foi na verdade assassinado.

Jararaca passa a partir dessas novas narrativas pós 1930 a ser uma vítima da forte repressão dos policiais. As informações que corriam na cidade eram segundo outros escritores que deram prosseguimento ao tema⁶ que os agentes policiais em escolta ao invés de o levar para a capital Natal foram rumo ao cemitério São Sebastião e lá já tinha segundo relatos, uma cova aberta em um lugar um pouco afastado, a respeito dessa cova o perguntaram se sabia de algo.

⁴ A visão de Jararaca como um dos cangaceiros mais cruéis também está reportada na obra de um importante escritor Potiguar, Câmara Cascudo (1966), em um de seus poemas “*Vida e morte de Jararaca*” ele escreve:

*No dia 19 à madrugada, A noite estava escura e tenebrosa,
O tenente em condução bem preparada,
Transportou a fera vil e asquerosa;
Na estrada Jararaca quis correr,
Foi pior, que mais tarde veio a morrer!
Pesada luta a fera então travou
E quase que fugia dessa vez
Se não fora um soldado que o agarrou
Com força destemida altivez.
Jararaca foi morto de punhal,*

E enterrado num podre lamaçal (apud FALCÃO, 2011, p. 41).

⁵ Obra do escritor cearense Leonardo Mota chamada “*No Tempo de Lampião*”.

⁶ Raimundo Nonato (1955), Câmara Cascuda (1966) e outros.

Segundo os relatos, Jararaca não teria pedido clemência e teria dito que podiam mata-lo que estariam executando um “cabra” valente. O fato de o cangaceiro ter sido mal tratado e ter tido segundo Falcão (2011) uma morte “aperreada” faz com que alguns atribuam a “santificação” dele ao fato de estar presente no imaginário popular a ideia de que uma morte trágica eximia as pessoas de muita coisa, esse tipo de morte segundo Falcão (2011) sensibiliza o outro que vive dentro de um escopo de crenças e tradições “que contribuem para a circulação da noção de morte trágica como condição que favorece uma ressignificação do ser social diante da morte, abrindo-lhe a possibilidade do perdão” (FALCÃO, 2011, p. 39).

Porém é importante frisar aqui que o nosso objetivo com essa pesquisa não é o de reafirmar essa tese, essa não é a resolução que achamos para o porquê Jararaca foi santificado após sua morte por várias pessoas. A hipótese é afirmar que essa história pode ser explicada pela tese do bode expiatório que veremos adiante.

Antes é preciso detalhar ainda sobre o ato da sua morte⁷. Um soldado segundo os pareceres pegou o revolver deu-lhe um tiro que pegou em seu “pé do ouvido”, com isso Jararaca não passou bem e ao momento de sua queda com os próprios pés os policiais o teriam o empurrado para dentro da cova, antes disso tiraram suas algemas e fizeram luz na sepultura foi quando o viram caído de bruços e concluíram o serviço com pás de areia por cima do corpo.

Após 1970 começam a aparecer outros escritos acerca desse fato, dessa vez com relatos dados por alguns dos policiais. Uma das obras publicadas que versavam sobre o tema do assassinato era a de Raul Fernandes (1970) que publica *A marcha de Lampião: assalto a Mossoró* onde diz: “Jararaca nada desconfiava. Retiraram-no da cela, sustido por dois soldados. Vinha desfigurado, de cabeça pendida. Reclamou, antes de entrar no carro, as alpercatas. Não queria chegar descalço à Capital. Um oficial, esboçando sorriso maldoso, respondeu que “em Natal lhe daria um par de sapatos de verniz” (*apud* FALCÃO, 2011, p. 43).

⁷ “[...] O cabo Batista era aposentado e estava bem velho. Ai, nessa época, ele narrou de uma maneira bem minuciosa como foi o enterro de Jararaca. Ele contou como Jararaca foi preso, como você conhece muito bem aquela entrevista de Lauro da Escóssia. Uma entrevista muito complexa, onde o jornalista devido sua curiosidade não aprofundou bastante, mas de qualquer maneira, hoje é um documento histórico de muito valor. João Batista falou que estava no cemitério quando chega o sargento com um guarda trazendo Jararaca algemado e, ao entrar, Jararaca viu o cemitério e disse: vocês me enganaram macacos. Vocês me enganaram! Vocês me disseram que iriam me levar para Natal, mas vocês vão é me matar! Isso alguém, o próprio sargento, dá uma coronhada de rifle ou fuzil no crânio de Jararaca e ele desmaia. Tiram do carro e arrastam até onde estava Batista, que esperava com outro. A cova já estava cavada. Ai, quando eles chegam o jogam na cova. Isso tudo foi contado por Batista e pelo cabo que estava presente. Jogaram Jararaca arquejando no buraco e um dos soldados disse: homem acabe de matar! Não se faz isso com um cristão, mas o sargento disse: cale a boca! Não diga nada! Mossoró amanheceu o dia suspeitando, mas a versão oficial era que tinham levado para Natal. Isso despertou a curiosidade da população: levaram pra Natal ou mataram e enterraram? A população fez fila para visitar Jararaca na cadeia. A fila chegava longe. Tem até um fato interessante que o pai de Rafael Negreiros, Manuel Negreiros. Este chegou e disse: cangaceiro felá da puta... pra lá... não sei o que mais... não sei o que mais. Então Jararaca disse: o senhor não tem vergonha de insultar um homem algemado, seu covarde. O bicho era valente mesmo (risos)! Eram essas coisinhas que a população passou de ouvido a ouvido. Então, diz João Batista que ele foi enterrado vivo e arquejando. Ai a cova ficou conhecida. A população descobriu que ele não foi levado para Natal. Como é uma tendência popular ficar sempre do lado da vítima, desde então, a população ficou a favor de Jararaca. Ai você pergunta: e Colchete? Porque Colchete também não ficou assim? A bem da verdade ninguém sabe qual foi o túmulo de Colchete e porque houve a ausência desse conhecimento? Não houve paixão do povo. Compaixão do povo só Jararaca, que foi realmente arrastado e caluniado. E teve essa morte, assim fria, né.” Entrevista do famoso Padre Sátiro Cavalcante Dantas já de idade avançada realizada no Colégio Diocesano Santa Luzia em 2009 a Falcão (2011, p. 68-69).

Ainda sobre o relato, Fernandes (2005) escreve:

O carro Willys Night, de capota de lona, era bastante espaçoso. Dois soldados largaram o bandido no chão da viatura e sentaram-se. Homero na direção estranhou aquele arranjo. Atravessou ruas desertas. Entrou na Avenida principal – Augusto Severo. Ao avistar a Estação, recebeu ordem de prosseguir. Desconfiou de algo macabro, em andamento. O cemitério ficava logo adiante. Minutos depois mandaram-no parar, frente ao portão. Apressadamente, os soldados deixaram o veículo. Jararaca compreendeu haver chegado o instante derradeiro [...] “Isso aqui é o caminho de Natal?”. Nesse momento, “um soldado puxou-lhe a perna doente, com extrema brutalidade. Ouviu-se um grito lancinante: Valha-me Nossa Senhora?”⁵¹ (*apud* FALCÃO, 2011, p. 44).

Os dados foram dados pelo chofer Homero Couto e registrados no livro de Raul Fernandes, ele como lemos, busca se eximir de qualquer responsabilidade do ato da morte do cangaceiro que se deu da seguinte maneira:

O soldado do lado oposto desferiu-lhe violenta coronhada de fuzil na cabeça, sem dar-lhe tempo ao mais leve gesto de defesa. Sucederam-se as pancadas. Tomavam proporções altíssimas, em meio ao silêncio da noite. Pareciam que socavam terra. Arrastado para fora do carro, atirado ao chão, ainda estertorava. Deram-lhe algumas punhaladas no peito e no pescoço, deixaram-o inerte. Colocaram-no dentro da sepultura, perto de Colchete (FERNANDES, 2005, p. 47 *apud* FALCÃO, 2011, p. 47).

Os policiais resolveram fazer “justiça com as próprias mãos” e a morte do cangaceiro não teve um funeral digno. A narrativa de que Jararaca foi sepultado ainda com vida percorre até hoje a cidade de Mossoró, para muitos seus assassinatos se deu de maneira fria e bárbara, mesmo que a postura do bandido até mesmo nas entrevistas fosse de desprezo isso não deveria ter sido feito. É importante lembrar que o prefeito a época da invasão do bando em 1927, Rodolfo Fernandes, apesar de ser um homem de coragem, estratégia e ter sido o herói da resistência que não se dobrou diante da chantagem de Lampião, coisa que muitos coronéis, fazendeiros e outras figuras políticas faziam naquela época, acabou não sendo o herói da história.

Apesar da proeminência dessa ilustre figura política, como já dissemos, o túmulo mais visitado do cemitério São Sebastião (onde o prefeito também está enterrado) é o de José Leite de Santana, o Jararaca. Rodolfo Fernandes segundo relatos não foi o responsável por sua morte, soube do fato depois de ocorrido e segundo algumas obras escritas não se envolvia em assuntos relacionados à Justiça. Na morte do cangaceiro não houve a participação de civis e nem de figuras da política, o responsável pela morte de Jararaca foi o destacamento policial.

Falcão (2011) acredita que através do patrocínio político a cultura local mantendo a ideia no imaginário coletivo e a não participação ativa da população na morte, fortaleceu nos mossoroenses a visão de seu município como cidade da resistência que luta pela manutenção da ordem. Veremos, porém que o que trouxe a sensação de paz não foi “a população não se sentir culpada”, ou a sensibilização com a morte trágica e sim a morte do culpado em si que traz “paz”, pois era o principal responsável por todos os problemas da cidade conforme a teoria da vítima propiciatória de René Girard, nesse processo após a sua morte ele vira um

santo e foi isso o que aconteceu com o cangaceiro mais uma vez diferente da tese mais corrida:

A memória do injustiçado sobreviveu à margem de uma memória produzida e disseminada a serviço da glorificação de homens que formavam a cidade da resistência. Os fragmentos que aparecem sobre a morte de Jararaca nos livros, desde a década de 1930, são resultados das transformações e ressignificações pautadas nos interesses de manter a imagem da cidade em evidência no cenário estadual, como aconteceu nas comemorações do cinquentenário da resistência (1977) (FALCÃO, 2011, p. 54).

Longe de acreditar na glorificação da cidade *per si* muitas pessoas dizem sem fazer alusão ao ato da invasão que na hora de sua morte Jararaca teria se arrependido de todos os crimes e dizem ainda que alcançaram favores dele e por isso acendem velas em sua cova, chegando a fazer votos de fazê-lo todos os anos. Esses favores são, por exemplo, cura de uma filha, desemprego, sossego, aposentadoria, equilíbrio mental, libertação do vício, descoberta do bicho do jogo etc. Nessa entrevista concedida a Falcão (2011) a culpa que anteriormente era colocada sobre o cangaceiro é retirada dele:

Ele morreu devido o ferimento na perna, ou se foi o pessoal que mataram, mas ele foi preso. Ninguém sabe. Eu penso que mataram, mas não sei não. Dizem que ele foi enterrado vivo. Não eram pra ter feito isso. Ele fazia certas coisas, mas era por causa de Lampião, né? Não eram pra ter enterrado ele vivo não. O túmulo dele durante o dia de finados, Ave Maria, é muita vela. Uma vez, faz tempo, veio uma irmã dele visitar a cova dele, mas eu não tava nesse dia não (PINTO, Cecília Serafim. 82 anos. Aposentada. Entrevista realizada em sua residência no Bairro Ilha de Santa Luzia, na cidade de Mossoró, no dia 20/12/2010 por FALCÃO, 2011, p. 153).

Em sua obra o sobre o narrador, Walter Benjamin (1994) defende que a “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”, porém essas experiências podem provocar mudanças na própria maneira de narrar os acontecimentos. O fenômeno ocorrido em Mossoró apesar de se manifestar com nuances levemente diferentes nos relatos de alguns municípios tem a mesma base que é a de vitimização do culpado, Jararaca o monstro que queriam morto passa a ser visto como santo.

MOSSORÓ ESTÁ EM ORDEM: GIRARD EXPLICA JARARACA

Não é nossa especialidade a crítica literária, não faremos uma investigação das formas dentro de um método. Analisaremos a tragédia e a reciprocidade conflitiva não por um viés psicanalítico, embora alguém possa usa-la. O que podemos colocar aqui é que na literatura, nos mitos, nas artes em geral estão presentes sentimentos e comportamentos vistos por todos, muitas vezes atitudes opostas em um mesmo personagem como serenidade e falta de domínio de si mesmo, personagens esses que tem uma propensão a determinados comportamentos ao serem provocados.

Os heróis da literatura têm sempre alguma debilidade que por sua vez é responsável por alguma tragédia com ele mesmo, sentimentos como a cólera já estão segundo Girard (1995) presente em todos os mitos. Os personagens se encolerizam cada um a sua vez e todas

vão sendo secundárias frente à cólera principal e inexcusável. Girard (1995) atesta que no espaço da violência impura qualquer investigação da origem dela é tipicamente mítica e deve ser assim para que essa inquirição chegue ao seu término sem destruir a reciprocidade violenta.

Todos os protagonistas estão um atrás do outro, atrás de um mesmo objeto que representa o conflito trágico, cada qual no começo crê que seja capaz de dominar a violência, mas é a violência que domina a todos os que estão em cena, as quais pensam que escaparão por uma exterioridade accidental e temporal. Nesse conflito cada qual crê ser uma espécie de juiz soberano e imparcial, mas logo manifestam furor quando se é contestado seu prestígio ainda que por silêncio dos outros oponentes. O que atrai os homens no conflito é sua ilusão de superioridade na simetria conflitiva, isso não quer dizer que não existe diferença entre os antagonistas, nesse cenário alguém tem que proclamar a verdade que muitas vezes precede do ato do opositor que apenas calunia, mas leva o outro a dizer verdades a seu respeito, aí se encontra a mensagem sobrenatural não procede disso em si, porém também está em cena.

O opositor acusa com o que ele mesmo fala sobre o real daquilo que ele também faz o que gera contra-acusações. O que diz a verdade descreve a acusação como escandalosa e que se caracteriza por uma culpabilidade acusadora e o oponente não vê a culpa que nele habita. O fato é que a vítima que surge desse conflito que é muitas vezes morta ou sacrificada passa a ser a responsável pela intriga conflituosa, a vítima é a responsável pela crise sacrificial, mas os responsáveis são os que participam da destruição da ordem.

A destruição dessa ordem pode ser vista também como destruição da cultura e não apenas “golpes” entre pessoas, Girard (1995) cita como exemplo a monarquia e a religião. Nesse conflito cada qual revela os reverses do que denuncia, mas sem reconhecer na verdade anunciada a sua própria, cada um vê no outro um intruso que toma sua legitimidade que crê defender, um afirma outro nega e o que vê o debate nada pode afirmar e assim a reciprocidade vai aumentando e se alimentando dos esforços de cada um para destruí-la, o debate trágico é o equivalente do debate verbal que o prefigura.

É importante salientar que há na história uma série de réplicas desse conflito principalmente na literatura e mitologia. Muitas vezes nessas histórias os antagonistas se diferenciam e têm identidades comuns, porém ao mesmo tempo o que se é dito sobre determinado personagem não cabe mais em nenhum outro e as diferenças preponderantes são resolvidas no mito geralmente de maneira brutal e o que comete o incomum é geralmente uma exceção monstruosa. No mito os valores novos ou velhos são deixados “de lado” e se segue a perspectiva trágica até o final, de modo que suas ações trágicas são segundo cada um dos personagens boas intenções.

O mito é quem decide de maneira inequívoca seus reverses, caberia a nós perguntar quais são as bases ou sobre quais condições decide o mito. A conclusão do mito nada mais é que a vitória ainda que camuflada de uma parte sobre outra, o triunfo de uma leitura sobre seu rival, segundo Girard (1995) a adoção pela comunidade de uma versão dos acontecimentos. É como se a continuação pertencesse a todos e ao mesmo tempo a ninguém.

O oponente responsável pela tragédia não é agora exatamente um monstro, esse sentimento recíproco está contido em toda tragédia, essa reciprocidade absorve relações convertendo-as em rivalidade geralmente em torno de um objeto que está mais reservado ao oponente e rigorosamente proibido a outrem e a violência que se dá daí gera um processo de indiferenciação violenta que é o término último de sua trajetória.

A perda das diferenças estaria ligada segundo Girard (1995) ao surgimento da violência. As pessoas querem ter o que o outro tem e, por conseguinte, ser igual ao outro, o

que comete o maior ato violento expõe a comunidade a perigo. Nesse sentido a crise sacrificial gera efeitos e esses são muitas vezes prefigurados até mesmo nas religiões primitivas. A violência trágica aí nada mais é que um desejo de equiparação, a tragédia maior é o fim de toda diferença, porém a monstruosidade continua sendo o patrimônio de um só indivíduo. Esse comportamento monstruoso ao mesmo tempo não é particular a um único indivíduo é comum a muitos membros da comunidade.

As crises sacrificais geralmente têm símbolos e estes podem ser associados a desastres ocorridos em uma cidade que interrompem suas funções vitais, segundo Girard (1995) essa passa a não ser alheia a violência e a perda das diferenças, diz ainda que esse desastre é atribuído ao assassino. O contágio pela desgraça da fatalidade natural coincide com a crise sacrificial, a diferença é que o desastre é coletivo enquanto a violência individual limitada, porém as duas violências são um disfarce da crise sacrificial, os dois temas são fundidos e se repartem com todos os membros da comunidade, de maneira que, afirmar ou negar qualquer coisa de um indivíduo e ao mesmo tempo afirmar ou negar de todos os demais. É como se a responsabilidade fosse compartilhada por todos.

Girard (1995) afirma ainda que se a crise desaparece se deve a distribuição desigual de aspectos muito reais dessa crise, ele quer dizer que toda elaboração mítica se reduz a um deslocamento da indiferenciação violenta que faz com que a comunidade se concentre na crueldade do ato violento de determinado indivíduo. As forças maléficas que atacam e assediam um povo se concentram no autor do ato de violência máxima. Girard (1995) é muito enfático ao dizer que o mito substitui a violência recíproca espalhada em qualquer lugar com a transgressão de um único indivíduo. O transgressor é o culpado pela desgraça da cidade.

É nesse aspecto que entra nesse escopo formulado por Girard a história e os mitos formulados ao entorno da figura de Jararaca na cidade de Mossoró. É bem consensual que muitas vezes um ato de violência serve para apaziguar uma situação vivida por um indivíduo, a violência para apaziguar uma situação existe mesmo que a causa da rivalidade que a estimulou permaneça intocável. Bodes expiatórios podem ser classes inteiras de pessoas ou um único indivíduo. No caso de Mossoró a cidade estava assolada por uma onda de violência e medo dos saques a serem produzidos pelos cangaceiros e isso precisava ser sanado, foi quando mataram o símbolo dessa violência unanime, jararaca.

Os cangaceiros tinham marcas que estavam relacionadas com a perseguição, nem sempre foram vítimas sacrificiais, pois nem toda violência um é sacrifício, porém no caso ocorrido em Mossoró a violência cometida contra o cangaceiro foi um tipo de violência sacrificial, pois esta envolve uma comunidade no assassinato. Só há sacrifício porque uma coletividade acreditou no caráter ambíguo da vítima, que seria transgressora e pacificadora ao mesmo tempo e foi exatamente o que aconteceu na pessoa de Jararaca. Depois disso as pessoas seguem rigorosas prescrições rituais que pretendem afastar a culpa da comunidade. O que acontece anualmente no Cemitério São Sebastião com velas e preces ao cangaceiro, pois se uma perseguição traz paz para uma cidade ela pode ser formalizada como ritual.

Nesse jogo contencioso o homem violento faz questão de deixar a cidade ciente de que o único culpado na verdade não seria ele, mas a vítima propiciatória e que, portanto, deve ser o único a pagar as consequências, o que nós vimos anteriormente nas reportagens de alguns jornais da região acusando Jararaca de muitas atrocidades e de ser um bandido cruel. Toda a investigação da reciprocidade violenta é uma caça ao ludibriador propiciatório que se dirige no fim das contas para o que começou. Pode acontecer de a acusação permanecer imóvel e as informações que são verdadeiras não se diferenciem das falsas, pois ninguém se levanta para contradizer o que foi dito e uma versão especial dos acontecimentos passa a se

impor e perde seu caráter polêmico para se converter em um mito onde sua fixação se transforma em um fenômeno de unanimidade e onde acusações invertidas se encontravam, no final predomina uma só delas entorno da qual todo o resto se cala, agora se sobressai o todos contra um.

A unidade da comunidade que fora desfeita é recomposta, embora as circunstâncias pareçam desfavoráveis, a comunidade estava um caos, cheia de ódio e facções, esses sentimentos são constantes no mito e o eram na cidade de Mossoró, principalmente o ódio aos cangaceiros. A ação injusta triunfa muitas vezes na diversidade dos sentidos contraditórios, nesse processo a cidade se voltará para a unanimidade violenta que a libertará. Nessa crise sacrificial todos os rivais acreditam estarem separados por uma diferença, essas diferenças vão desaparecendo aos poucos e muitas vezes aparece o mesmo desejo, o mesmo ódio, quando a crise vai aumentando Girard (1995) diz que os membros da comunidade vão parecendo espécies de gêmeos da violência.

Usar o termo réplica é irreal para algumas áreas como a psiquiatria, porém aqui ele se encaixa muito bem. A violência uniformiza os homens, eles se tornam gêmeos de seus antagonistas levados pela fascinação e ódio universais. Segundo Girard (1995) uma só vítima pode substituir todas as vítimas em potencial para que as suspeitas de um contra o outro se converta na convicção de todos contra um só. A convicção da uniformização vem de maneira acumulativa através da dedução que cada um tem a partir da opinião do outro gerado por um desejo de imitação quase instantâneo. As exasperações do ódio através do desaparecimento das diferenças e da uniformização das réplicas se fazem intercambiáveis e são a condição necessária da unanimidade violenta.

Girard (1995) atesta ainda que para que a ordem renasça é necessário que a desordem chegue a seu ponto máximo, ele cunha o termo *vítima propiciatória* para designar o indivíduo único que converge para si todo o ódio e rancor fazendo com que a dispersão gere uma comunidade, esta por ser vítima da violência ou se assolada por algum desastre se entrega a uma caça cega do bode expiatório aí se busca uma solução imediata para o problema da violência, os homens ficam convencidos de que seus problemas advêm de um responsável único.

Violências coletivas podem aparecer em forma física pelo ataque a pessoas em sua casa e locais de reunião religiosa, nos tempos modernos pelo assassinato de reputação etc. Violências como essas tentam justificar a si mesmas com acusações iniciais. A unanimidade violenta segundo Girard (1995) se revela nas religiões primitivas e desaparece por trás das formas míticas, coloca ainda que o mecanismo da violência recíproca pode descrever-se como um círculo vicioso quando a comunidade penetra nela vemos vingança e represália. No seio da comunidade sempre há ódio acumulado que os homens fazem frutificar.

A violência se instala na comunidade uma vez que ela tem um caráter mimético, isto é, imitativo de tal maneira que a violência não pode morrer por si mesma. Girard (1995) afirma que para escapar desse círculo seria preciso privar os homens de todos os modelos de violência que não param de se multiplicar. Mas, é preciso uma coisa, que todos estejam de acordo no que diz respeito à identidade do culpado único:

Si todos los hombres consiguen convencerse de que sólo uno de ellos es responsable de toda la *mimesis* violenta, si consiguen ver en ella la mancha que los contamina a todos, si comparten unánimemente su creencia, ésta quedará comprobada pues ya no habrá en ninguna parte de la comunidad ningún modelo de violencia a seguir o a rechazar, es decir, a imitar y multiplicar inevitablemente. Al destruir la víctima propiciatoria, los hombres imaginaran librarse de su mal y se

librarán en efecto de él, pues ya no volverá a haber entre ellos una violencia fascinante. (GIRARD, 1995, p. 90)

Nosso saber sobre a violência sempre está projetado no outro e este só alimenta o conflito, este saber é contagioso, os homens não encaram ou até desconhecem a insensatez de sua violência, a ignoram. Essa “cura” pode vir através do mito que se forma quando determinada sociedade o adota quando o converte na versão única agora superada em uma ordem cultural renovada. A paz que se gera é a confirmação da identificação do culpado único e as pessoas passam a acreditar para sempre no que se é registrado e que converte a crise em um mal misterioso. O ser culpado deve sempre ser identificado e expulso, pois sua presença contamina todo o resto, foi exatamente isso o que se deu na noite de 13 de junho em Mossoró.

Mais uma vez ressalto que uma vez que esse mito se instala no lugar da crise gera-se uma cultura. Esse mito não é uma camuflagem, nem uma manipulação consciente dos dados da crise sacrificial, a violência que está na comunidade é unanime. Tudo que o mito adquire é como se fosse inquebrantável, todos os reverses desaparecem por trás de suas significações. Sem a estrutura do mito não haveria nenhuns temas.

O tema principal não é a psicanálise por si do ato monstruoso principal, mas a violência que se dissimula atrás desse ato visível que é uma ameaça de destruição total salvaguardada mediante o mecanismo da vítima propiciatória. O sinal da violência pode apagar-se e não se mostrar de todo, isso não quer dizer que desapareça seus efeitos. É misterioso, mas para que o amaldiçoado produza todos os seus efeitos é bom que desapareça e que provoque o esquecimento da violência, pois o bode expiatório “tira a culpa” dos que o sacrificaram.

A presença do anátema poderia representar um problema na tragédia, isso é possível saber se desconstruímos o mito para vermos a sua inspiração trágica. Há que se dizer que a exumação da vítima é e pode ser histórica e arqueológica, porém não é possível chegar a ele a partir de uma leitura meramente estrutural e temática.

Nas primeiras cenas do mito o autor do ato atroz pode ser visto como maléfico, mas em seguida seu cadáver virar uma espécie de talismã da comunidade que antes o rechaçava e o expulsava, antes todas as violências só faziam redobrar outras violências, mas a violência contra a vítima fez cessar de maneira milagrosa toda a violência. A teoria levantada por Girard expressa o comportamento humano, o pensamento simbólico é o conjunto do pensamento humano que é o mesmo que expressa o mecanismo da unanimidade violenta que se inclina para a vítima e pensa ser ela a responsável pelas ótimas consequências que provoca seu exílio ou destruição.

A atenção segundo Girard (1995) não só se dirige para os rasgos distintivos da violência decisiva que desencadeou a unanimidade, mas também a própria pessoa da vítima. Girard escreve:

Atribuir la conclusión benéfica a esta víctima parece mucho más lógico en la medida en que la violencia ejercida contra ella tenía por objetivo devolver el orden y la paz. En el momento supremo de la crisis, cuando la violencia recíproca, llegada a su paroxismo, se transforma de repente en unanimidad pacificadora, las dos caras de la violencia parecen yuxtapuestas: los extremos se tocan. (GIRARD, 1995, p. 94)

A vítima segundo Girard (1995) parece conter na sua pessoa os aspectos mais benéficos e mais maléficos da violência. A violência recíproca da unanimidade fundadora é simbolizada pela vítima propiciatória, de maneira, que tudo passa a coincidir, vale ressaltar que o pensamento religioso se vale desses eventos, não por empréstimo, mas por conter também esse mecanismo já que ela é um ajuntamento humano rumo ao sobrenatural e como já dissemos a teoria girardiana expressa um comportamento humano e é uma das explicações antropológicas oferecidas a ele.

Esses eventos na história humana parecem ser inevitáveis e seu dispositivo interno é impulsionado pelas rivalidades e violências que delas decorrem em conflitos localizados que se acirram contagiando um conjunto da sociedade e é nesse momento em que se lança mão do mecanismo do bode expiatório que é transformado em vítima de uma dinâmica que começa internamente no desejo. Essa vítima sofre a violência embora não tenha provocado novas represálias, é uma criatura sobrenatural que planta a violência para segundo Girard (1995) recolher a continuação da paz, um temido e misterioso salvador que adoece os homens para curá-los depois, Jararaca o outrora facínora passa a ser um doador de favores.

O autor da violência passa também a ser benéfico depois de ser maléfico, não significa reabilitá-lo no sentido moderno é algo que não é muito absorvido e compreendido nem mesmo pelas religiões existentes “la misteriosa unión de lo más maléfico y de lo más benéfico es un hecho que resulta imposible negar o descuidar, pues interesa a la humanidad en grado superlativo, pero este hecho escapa totalmente al juicio y a la comprensión humana”. (GIRARD, 1995, p. 94). O violento bom depois de expulso predomina sobre o maléfico anterior a expulsão.

O autor do ato de violência não é anulado, uma vez que, é a expulsão desse culpado o que provocou a desapareção da violência, o resultado confirma a unanime opinião sobre ele de que realmente cometeu tal ato. Se for salvadora é pela sua qualidade de algo que o leva a violência. Existe uma experiência religiosa primordial que segundo Girard (1995) facilita esse fenômeno de sacralização, mas o fato principal para ele é que esse sistema de transgressão e salvação reaparece várias vezes em relatos mitológicos e folclóricos, literaturas, lendas e contos de fadas.

O homem é promotor de violência e desordem, o herói aparece como redentor tão logo é eliminado e sempre através da violência. O herói é em muitos casos um transgressor e aparece segundo Girard (1995) como um destruidor de monstros, ele atrai para si uma violência que afeta o conjunto da comunidade, violência contagiosa que sua morte ou triunfo convertem em ordem, após a morte de Jararaca a cidade de Mossoró começou a desfrutar uma paz que não gozava antes desse ocorrido, o espaço era de medo e apreensão frente aos cangaceiros tão temidos e motivos de grandes desavenças e opiniões frente aqueles que os recebiam, acoitavam e protegiam seja por medo ou corrupção, eram bandidos geravam desordem e a violência só se atenuava.

CONCLUSÃO

O mecanismo da vítima propiciatória nos ajuda a entender o mito, as narrativas, bem como diversas obras literárias tanto em sua gênese quanto em sua estrutura, esses mitos estão ligados ao transcendental que é característica sua, uma vez engendrado ao sagrado dá

gerencia a unidade social feita. Segundo Girard (1995) a expulsão da vítima propiciatória que está em mitos e em rituais religiosos também pode ser responsável pela formação de culturas, mas esse seria um aspecto que fugiria ao nosso objetivo e não caberia aqui.

Toda a teoria girardiana não está presente nessa produção, uma vez que, ela é muito abrangente e envolve várias temáticas não só a do bode expiatório, sua teoria tem sido alvo de várias pesquisas e aprofundamentos que até hoje geram muitas dúvidas a alguns leitores. O fato é que ela é aplicável a momentos de nossas vidas, a passagens políticas, a histórias que vemos nos jornais, a vida de conhecidos, a livros de literatura, no dia a dia das pessoas, filmes etc. É como se ela fosse um método, deve ser por isso que o próprio autor usa a palavra **mecanismo** do bode expiatório.

Alguém que sofre um assassinato de reputação nos dias de hoje também pode ser uma vítima seguindo esse mecanismo do bode expiatório, mas essa pessoa não é santificada depois, pois como já vimos a vítima a ser sacrificada deve fazer parte dos anseios e estrutura da violência coletiva e é geralmente assassinada fisicamente. Podemos até dizer que existem vítimas de violência históricas como alguns grupos que tem determinadas características sejam por algumas práticas ou etnia, mas muitas não são sacralizadas, para ser um bode expiatório a vítima deve ser divinizada depois geralmente pelos algozes.

Os partícipes do momento ao entorno dos fatos legitimam o ato sacrificial e se vêm livres de algum mal sobrenatural ou não, mas que consiste realmente em uma crise de imitação na sociedade com todos os seus efeitos. O mecanismo do bode expiatório restaura essa sociedade e é encontrado segundo o autor aqui trabalhado, nos grupos mais primitivos onde a violência que antes era de todos contra todos se canalizou para uma única pessoa.

Aqui se buscou aplicar esse mecanismo na cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte no assassinato do cangaceiro Jararaca que antes era o responsável de tantas violências fora e depois dentro da cidade que passou por um conflito com a invasão do bando de Lampião e que estava com os ânimos a “flor da pele”. Todos esses conflitos e violência foram sanados com o assassinato do criminoso por alguns policiais no cemitério São Sebastião e que após a sua morte trágica passou a ser tido por Santo por vários munícipes.

Intentamos aplicar aqui a teoria do bode expiatório de René Girard nesse fato ocorrido em terras potiguaras, se ficaram lacunas abertas espero que elas sirvam para despertar no leitor o desejo por uma pesquisa mais aprofundada nesse tema tão presente e interessante levantado pelo francês Girard, tenho certeza que ela ajudará nas leituras mais profundas como também no lazer do cinema.

REFERENCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. – 7 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1994.

FALCÃO, Márcilio Lima. *Uma morte muito aperreada: Memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró*. 2011. 181f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2011.



FRYE, Northrop. *O Código dos códigos: A Bíblia e a Literatura*. – 1 ed. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GIRARD, René. *La violencia y lo sagrado*. – 2 ed. Trad. Joaquín Jordá. Barcelona: Anagrama, 1995.